

## Taunay e a frustrante ação militar brasileira em território paraguaio - *A Retirada da Laguna*

Gabriel Schäfer<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho objetiva analisar o relato memorialístico de Alfredo d'Escragnolle Taunay, *A Retirada da Laguna: episódio da guerra do Paraguai*, na qual o autor, na condição de engenheiro militar que participou da expedição que procurou socorrer a província de Mato Grosso, atacada pelos paraguaios, registra o drama vivido pelos soldados brasileiros no caminho percorrido e especialmente na retirada do território inimigo, ocorrida entre 08 de maio e 11 de junho de 1867. Para tanto, levamos em consideração o contexto da época em que foi escrita, os valores pessoais de Taunay, o papel histórico da obra e os significados que a mesma adquiriu e tem para a historiografia em torno da Guerra do Paraguai. Diante do inegável caráter oficial do relato, discutimos também o modo como o escritor, embora tenha exaltado o patriotismo e a coragem dos combatentes brasileiros, revelou as falhas de comando e as precariedades da coluna, entrando assim, em nítida contradição com o tradicional discurso adotado pelo governo imperial naquele período.

**Palavras-chave:** relato memorialístico, historiografia, Guerra do Paraguai.

A importância e os inúmeros significados que a Guerra do Paraguai teve para os países que formam a Bacia do Prata fazem do episódio um dos mais representativos e debatidos pela historiografia sul-americana. Nos últimos anos, o conflito que marcou profundamente a história do continente tem sido alvo de várias análises que retomam questões centrais da discussão ou então sugerem novas possibilidades de abordagem. Nesse momento, de retomada dos estudos que procuram diferentes olhares sobre a Guerra do Paraguai, importantes personagens, a presença feminina, a participação dos escravos, o papel da imprensa, entendimentos e desentendimentos diplomáticos e algumas batalhas ou ocorrências em particular são cada vez mais considerados por pesquisadores.

Entre tantas passagens que merecem novas exposições, podemos destacar o modo como o Império do Brasil procurou atender o Mato Grosso após os paraguaios invadirem o sul da província no final do ano de 1864. A decisão tomada pelas autoridades brasileiras, de organizar uma expedição com o objetivo de socorrer o território atacado acabou resultando em um drama que, embora não tenha sido determinante para os rumos da guerra, foi extremamente interessante por revelar uma série de dificuldades enfrentadas pelo Império no decorrer do conflito contra o Paraguai de Solano Lopez.

A presença de um talentoso escritor, entre os mais de três mil soldados que participaram da aventura de atravessar o território nacional para defender os interesses do governo imperial, proporcionou à posterioridade um relato rico em detalhes e merecedor de um estudo mais apurado: *A Retirada da Laguna: episódio da guerra do Paraguai*, de Alfredo

---

<sup>1</sup> Mestre em história pela Universidade de Passo Fundo e professor na rede pública de ensino do Estado do Rio Grande do Sul. Email: schaffer.professordehistoria@gmail.com

d'Escragnolle Taunay.

A discussão sobre a relação entre história e literatura é antiga e ganhou novo fôlego com a ascensão dos *Annales*, grupo responsável por ampliar o campo da história vinculando-a com a descoberta de novas fontes e métodos de interpretação.<sup>2</sup> Essa relação pode ser tão íntima que Aristóteles afirmou que a diferença entre o poeta e o historiador não está na forma de escrever, mas sim, no compromisso. Enquanto o poeta pode expor aquilo que poderia ter acontecido, o historiador tem o dever de expor aquilo que aconteceu.<sup>3</sup>

Essa proximidade levou a historiadora Sandra Pesavento a afirmar que a literatura é uma fonte privilegiada para o historiador “porque lhe dará acesso especial ao imaginário, permitindo-lhe enxergar traços e pistas que outras fontes não lhe dariam.”<sup>4</sup> Para Mário Maestri, que afirma que as diferenças entre as duas disciplinas foram construídas em um longo processo conforme o homem tomava consciência de sua importância na sociedade, mais do que isso, especialmente a literatura ficcional em prosa, pode nos oferecer informações sobre a linguagem da época, sobre os diferentes comportamentos e nos apresentar detalhes das relações sociais e suas contradições.<sup>5</sup> Sendo assim, por ser, ao mesmo tempo fenômeno histórico e cultural, a literatura consolidou-se entre os historiadores como uma rica e possível fonte a ser explorada. Como diz Antonio Celso Ferreira: “*O papel do historiador é confrontá-las com outras fontes, ou seja, outros registros que permitam a contextualização da obra para assim se aproximar dos múltiplos significados da realidade histórica.*”<sup>6</sup>

Nascido no Rio de Janeiro, no seio de uma família aristocrática de origem francesa em fevereiro de 1843, Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle tornou-se uma grande figura do meio intelectual no século XIX no Brasil. Neto do pintor francês, Nicolau Antônio Taunay, um dos chefes da Missão Artística Francesa de 1818, e filho de Félix Emílio Taunay e de Gabriela de Robert d'Escragnolle, desde cedo o futuro visconde de Taunay viveu em um ambiente propício para uma formação cultural sólida e pôde lapidar seu apurado gosto pela música, pelo desenho e em especial pela literatura, onde se destacou e teve todo seu talento reconhecido.

---

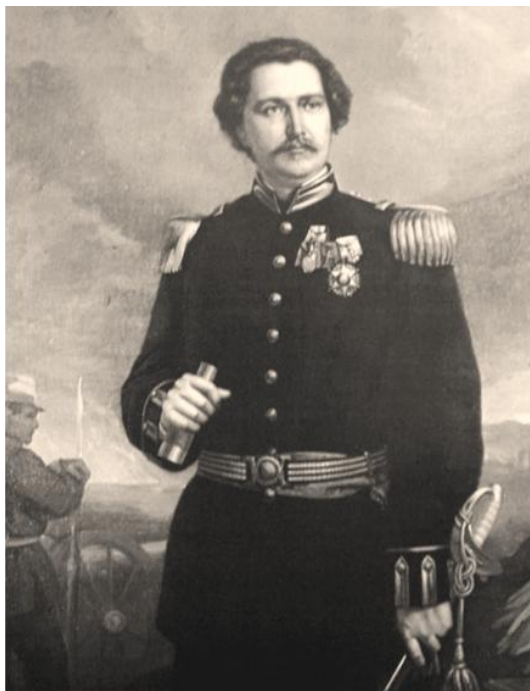
<sup>2</sup> BURKE, Peter. A Escola dos Annales 1929 – 1989/ a revolução francesa da historiografia. São Paulo: Ed. UNESP, 1997. 4º ed. p. 126 – 127.

<sup>3</sup> Cf. ARISTÓTELES. Arte Poética. Tradução: NASSETI, Pietro. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006. p. 43.

<sup>4</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma *velha-nova* história. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Debates, 2006.

<sup>5</sup> Cf. MAESTRI, Mário. História e Romance histórico: fronteiras. *Novos Rumos*, v. 36, n.1, 2002, p. 38 – 40.

<sup>6</sup> FERREIRA, Antonio Celso. A Fonte Fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.); DE LUCA, Tania Regina (org.). O historiador e suas fontes. São Paulo: Editora Contexto, 2009. p. 77.



Escritas entre 1890 e 1899, um pouco antes de sua morte, suas memórias são um importante instrumento na tentativa de sabermos mais sobre sua vida pública e particular. Muito de sua infância, de sua relação com a família e ainda da próxima relação que mantinha com o poder imperial, essa, conforme Iza Quelhas, decisiva “para a sua formação, num tempo em que os sinais de mudança assinalavam uma nova ordem,”<sup>7</sup> pode ser descoberto em sua autobiografia. Cercado de valores que o identificavam com o Império, Taunay recebeu uma rígida educação e foi desde criança orientado pela família, sobretudo pelo pai,

**Taunay, a serviço do exército imperial.**

Em 1858, com quinze anos, finalizou seu bacharelado em Letras no tradicional colégio Pedro II. Mais tarde, em 1863, quando as tensões no Prata se intensificavam, tornou-se bacharel em Matemática e Ciências Naturais. Já nas forças armadas imperiais, e justamente no momento em que o governo brasileiro tomou a decisão de intervir na política interna uruguaia, em 1864, foi promovido ao cargo de segundo-tenente de artilharia. Com o início da Guerra da Tríplice Aliança acabou sendo incorporado à expedição organizada para socorrer a província do Mato Grosso.

Fazendo uso de suas lembranças e principalmente das anotações feitas por ele próprio no diário da expedição, imediatamente passou a escrever a obra tratando da retirada da força brasileira do território paraguaio. Com cerca de 50 páginas, a primeira versão da obra foi concluída em 1868. Após testemunhar os dramáticos momentos vividos pela expedição brasileira, Taunay ainda participou, ao lado do conde d’Eu, genro do imperador, da Campanha da Cordilheira testemunhando também de perto as últimas grandes batalhas da guerra contra o Paraguai. Essa experiência lhe permitiu outro importante relato: *A Campanha da Cordilheira*.

Terminada a guerra, Taunay regressou ao Rio de Janeiro onde passou a lecionar no colégio Militar e deu início a sua carreira política. Foi deputado nas províncias de Goiás e de Santa

---

<sup>7</sup> QUELHAS, Iza. A infância do Visconde de Taunay no tempo do Império: acaso os heróis são feitos para serem tímidos? Revista Solettras, São Gonçalo (RJ), Ano I, nº 1, jan./jun. 2001. p. 13.

Catarina e nomeado presidente nessa última e também no Paraná.

Em 1878, incomformado com a queda do Partido Conservador, do qual participava apesar de suas ideias serem consideradas avançadas para a época, retirou-se momentaneamente da política e partiu em uma viagem de estudos pela Europa. Foi defensor de medidas como o casamento civil, a imigração e a gradual libertação dos escravos, mostrando-se, como disse José Antônio de Azevedo Castro, um “propagandista, ardente e incansável, de várias reformas e instituições sociais já aceitas pelas grandes nações europeias e os Estados Unidos.”<sup>8</sup> Em setembro de 1889 recebeu de D. Pedro II o título de Visconde. Sua fidelidade ao imperador era tanta, que com a proclamação da República abandonou definitivamente a política. Em 25 de janeiro de 1899, ainda fiel ao regime monárquico e forte opositor do regime republicano, Taunay faleceu no Rio de Janeiro com 56 anos vitimado pela diabetes. Sobre a Retirada da Laguna, o próprio autor destacou em suas memórias que o episódio muito provavelmente não teria a dimensão histórica que conheceu, não fosse seu valioso testemunho.

Começava a expedição de Mato Grosso. Dia por dia contei, oficialmente, a espaçada e morosa viagem que fiz pelas províncias de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso no *Relatório Geral da Comissão de Engenheiros*, por mim redigido, de Santos até a vila de Miranda, viagem completada por operações de guerra narradas no meu livro, hoje bem conhecido, a *Retirada da Laguna*. [...] já escritas ao correr da pena e do capricho, a respeito daquelas forças de Mato Grosso que tanto e tão inutilmente sofreram e de cujas aventuras dramáticas e trágicas não restaria hoje o mais leve sinal, a mais apagada lembrança, se eu as não tivesse – talvez para sempre! livrado do esquecimento.<sup>9</sup>

As relações diplomáticas entre Brasil e Paraguai foram estabelecidas ainda durante o Primeiro Reinado e não demoraram a surgir às primeiras desavenças, herdadas do período colonial. O primeiro tratado entre os dois países foi firmado em outubro de 1844 e tratava basicamente de questões comerciais e de limites territoriais. Após desentendimentos, as negociações foram retomadas e acordo entre os ministros José Maria da Silva Paranhos e José Berges resultou na assinatura de um novo tratado em 1856.<sup>10</sup> Portanto, as discórdias entre o Império e a República vizinha se arrastavam há tempos quando tiveram início as hostilidades mais graves notadas na primeira metade da década de 1860. Os Estados paraguaio e imperial disputavam a posse de parte do território em litígio. O Brasil pretendia a livre navegação pelo rio Paraguai, na época único ponto de acesso mercantil à província de Mato Grosso. Já o

---

<sup>8</sup> TAUNAY, Alfredo D'escragnolle. Memórias. São Paulo: Edições melhoramentos, 1994. p. 453.

<sup>9</sup> Id. ib. p. 97 – 135.

<sup>10</sup> Cf. VIANNA, Hélio. *História diplomática do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1960. p. 206 – 208.

Paraguai, pretendia a concessão plena da navegação no curso do rio Paraguai, que passava por seu território ao acerto das divisas entre os dois países.

As complicações diplomáticas atingiram seu momento máximo após a invasão imperial no Uruguai. Solano Lopez, defendendo os interesses paraguaios no Prata, ordenou a apreensão do navio brasileiro, Marquês de Olinda, e invadiu em seguida a província de Mato Grosso, defendida por poucos soldados, em novembro de 1864. Para parte expressiva da historiografia, que desconsidera o efeito geopolítico que teve a intervenção brasileira no Uruguai em outubro de 1864, os acontecimentos ocorridos na região de fronteira entre Brasil e Paraguai foram os únicos a provocar o início da guerra. Independente dessa discussão, pelos próximos anos, muitas vidas se perderam nessa região, quando na verdade, os episódios que decidiam o conflito se davam mais ao sul.

Os números, apesar de muitas vezes revelarem incoerências, ilustram uma vantagem militar aos paraguaios no sul no Mato Grosso, já que contavam com um exército mais numeroso, mais bem equipado e mais preparado. Essa condição, entretanto, notada especificamente naquela região, não nos permite afirmar de forma alguma que as forças paraguaias eram superiores as imperiais, especialmente no que se refere ao número de combatentes. Sendo assim, outras questões devem ser levantadas para explicar o fracasso militar do Império tanto na defesa da província quanto na tentativa de invadir o Paraguai naquela posição.

Mesmo que a lentidão das autoridades brasileiras para iniciar o contrataque possa ser, em partes, explicada pelo fato de o teatro de operações no Mato Grosso estar em segundo plano, devemos considerar o contexto de grande dificuldade de mobilização militar vivido pelo Brasil naquele momento e especialmente o fato de a expedição ser marcada, antes de tudo, pela improvisação. A precariedade das forças brasileiras fez com que o governo se organizasse às pressas e revelasse no decorrer do conflito uma série de contradições sociais e políticas do país.<sup>11</sup> A criação do corpo de Voluntários da Pátria, em janeiro de 1865, comprova essa particularidade. Conforme Ana Paula Squinelo:

O exército brasileiro, durante o conflito com o Paraguai, carecia de uma estrutura de combate, aqui entendida como armamentos, atendimento médico, abastecimento e uniformes, entre outros. Sabia-se que na maioria das vezes as decisões tomadas eram pensadas, discutidas e ordenadas à poucos metros de distância do teatro de operações. Era o reino do imprevisto.<sup>12</sup>

Diante desse quadro, somente em abril de 1865, quatro meses depois de os paraguaios

---

<sup>11</sup> SALLES, Ricardo. Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 143.

<sup>12</sup> SQUINELO, Ana Paula. A Guerra do Paraguai, essa desconhecida... ensino, memória e história de um conflito secular. Campo Grande: UCDB, 2002. p. 62.

terem invadido o sul do Mato Grosso e causado grandes prejuízos aos brasileiros, partiu do Rio de Janeiro, sob o comando do coronel Manuel Pedro Drago, uma coluna contando com cerca de 3.000 soldados para combater os invasores.

Sem a pretensão de analisar minuciosamente cada um dos vinte e um capítulos da obra, optamos por destacar algumas particularidades da narração de Taunay que a caracterizam como um todo. Apesar de sua proposta ser muito clara no sentido de justificar a ação brasileira no Paraguai, colocando-se ao lado do forte e típico discurso da época, Taunay acaba revelando, pelo seu talento literário e quem sabe compromisso estético com os fatos objetivos, o lado mais cruel da marcha até o Mato Grosso e principalmente da desordenada fuga dos soldados brasileiros do território paraguaio. Assim, ao mesmo tempo em que enaltece, no geral, a bravura dos soldados e as virtudes do governo imperial, o escritor reconhece e expõe, no particular, os graves problemas enfrentados pelo exército imperial permitindo uma interessante análise do que foi e representou o conflito tanto para brasileiros como para paraguaios, que, com realidades nem sempre tão distintas, sofreram por demasiado tempo por conta de ações impensadas de comandantes motivados muitas vezes por interesses pessoais.

*Devo está narrativa a todos os meus irmãos de sofrimento, aos mortos ainda mais do que aos vivos.* Desse modo, já na breve introdução de sua obra, Taunay deixa transparecer o quanto foi marcante, sobretudo no ponto de vista humano, o episódio que se propôs a narrar.

Em 1865 - ao arrebentar a guerra que Francisco Solano Lopez, o presidente do Paraguai, na América do Sul suscitara sem maior motivo do que os ditames da ambição pessoal; quando muito a invocar o vão pretexto da manutenção do equilíbrio internacional - o Brasil, obrigado a defender honra e direitos, dispôs-se, denodadamente, para a luta.<sup>13</sup>

Ainda que o autor demonstre, desde o início, sua condição de homem dedicado a pátria e engajado na causa imperial, são as considerações que faz sobre as dificuldades na organização da tropa, a falta de recursos básicos – como comida e munição – o medo que aflige os soldados e os horrores vividos, que mais prendem a atenção dos leitores, justamente por entrarem em nítido conflito com a retórica belicista e nacional-patriótica da época. Ao expor os problemas militares e as contradições do discurso do Império, Taunay, mesmo buscando justificar as falhas cometidas, foge em alguns momentos da “regra geral” que acompanhava os relatos oficiais, marcados pelo comprometimento com os feitos dos grandes

---

<sup>13</sup> TAUNAY, Alfredo d’Escragolle. A Retirada da Laguna – o episódio da guerra do Paraguai. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1959. 13ª ed. p. 32.

personagens e por excluírem totalmente os espaços para as narrativas das derrotas e as falhas de comando.

Em dezembro de 1866, depois de ter percorrido mais de dois mil quilômetros e de ter sido ferozmente abatida por doenças como a cólera, o tifo e a beribéri, a coluna que lavava o pomposo nome de Corpo Expedicionário em Operações no Sul de Mato Grosso, chegou à localidade de Coxim, já abandonada pelos paraguaios que haviam conduzido para o Paraguai gado e material bélico capturado durante o avanço. As cheias fizeram com que os brasileiros permanecessem acampados em Coxim até junho de 1866 sofrendo principalmente com a falta de mantimentos. Mesmo em condições amplamente desfavoráveis ficou decidido que a marcha prosseguiria em direção a Miranda, ainda no Mato Grosso.

Entre Coxim e Miranda as dificuldades aumentaram. Seja pela morte de muitos soldados ou pela dispensa de outros, vitimados pela cólera, o corpo expedicionário ficou ainda mais debilitado. Miranda, do mesmo modo que Coxim, já havia sido abandonada quando da chegada da coluna brasileira no dia 17 setembro de 1866. A essa altura, passados quase dois anos desde a partida da coluna do Rio de Janeiro, um terço da tropa ficara pelo caminho, o que comprova o problemático estado da força militar brasileira e o caráter improvisado da operação.

Em Miranda, as precárias condições de higiene e a falta de água potável colaboraram para a disseminação de doenças. As vítimas aumentavam a cada dia, vindo a falecer inclusive o próprio coronel Manuel Pedro Drago. O moral da tropa estava sensivelmente abalado. Com a morte de Drago, a direção da coluna foi assumida, em janeiro de 1867, pelo coronel Carlos de Moraes Camisão, retratado por Taunay como confuso no momento de tomar as decisões. Contando nesse momento com cerca de 1.680 homens a tropa partiu para Nioac, ainda em território brasileiro, onde conseguiu ajuda de José Francisco Lopes, profundo conhecedor da região que se tornou o guia da tropa brasileira e por mais de uma vez cedeu gado para alimentar os soldados.

A falta de harmonia entre os comandantes fica clara na discussão onde se tomou a decisão – equivocada – de invadir o território inimigo. Mesmo que todas as condições indicassem a prudência de permanecer na defensiva, o coronel Camisão tinha a fixa ideia de ultrapassar a fronteira e fazer a guerra em território inimigo. A precisão com que Taunay detalha a discussão, da qual ele próprio participou como engenheiro e que tinha o objetivo de decidir pela invasão ou não do território paraguaio, ilustra perfeitamente a desordem da expedição.

Por diversas vezes esforçaram-se três dos membros da comissão em pintar a

posição do corpo do exército tal qual realmente era; a insuficiência de víveres; a inófia absoluta dos meios de transporte; a ausência da cavalaria e a escassez das munições; a impossibilidade de angariar reforços ou socorros para um punhado de homens internados em terra inimiga. [...] Era sem dúvida a coluna mais fraca e talvez sucumbisse, mas útil e gloriosamente. Dir-se-ia, pelo menos, que se compunha de valentes brasileiros. Éramos todos moços; tais pensamentos, tais modos de sentir invocados a propósito de opiniões contrárias, trouxeram troca de palavras ásperas e afinal recriminações pessoais.<sup>14</sup>

Quando se decidia sabiamente pela permanência em território brasileiro, de maneira inesperada, Lopes aparece com novas cabeças de gado instalando novo ânimo na tropa e no comando. Entretanto, curiosamente, o próprio presidente do conselho ao mesmo tempo em que concordava com o prosseguimento da marcha, demonstrava grande pessimismo quanto à possibilidade de a missão ser finalizada com êxito. Teria dito ele: *“Deixo viúva e seis órfãos. Terão como única herança um nome honrado.”*<sup>15</sup>

Os preparativos para iniciar a marcha em território inimigo foram cuidadosamente anotados por Taunay. A forma como são colocadas as dificuldades, mas também a dedicação e o entusiasmo de todos com a chance de poder cumprir a missão de vingar a honra do Império dão grande brilho a a obra. No caminho até a fronteira, para a surpresa dos soldados que esperavam prontamente deparar-se com as forças inimigas, a expedição se deparou com brasileiros, homens e mulheres levados como prisioneiros ao país vizinho e que haviam conseguido escapar. Preciosas informações sobre as condições de defesa do inimigo, comandada pelo Major Martim Urbieta, foram colhidas nesse encontro. A notícia de que no interior do Paraguai haviam poucas esperanças de vitória renovou o ânimo da tropa.

(...) de repente, partido de diferentes pontos, reboou um grito: A fronteira! Da elevação onde se achava o destacamento avistava-se com efeito a mata sombria do Apa, limite das duas nações. Momento solene êste, em que entre oficiais e soldados não houve quem pudesse conter a comoção! O aspecto da fronteira que demandávamos a todos surpreendeu. É que realmente era novo. Podia alguns já tê-la visto, mas com olhos do caçador ou do campeiro, indiferentes. A maior parte dos nossos dela só haviam ouvido vagamente falar; e agora ali estava à nossa frente como ponto de encontro de duas nações armadas, e como campo de batalha.<sup>16</sup>

Antes da passagem da fronteira, Taunay relata a ocupação do forte e fazenda da Machorra, que, segundo ele, não passava de terra usurpada pelos paraguaios. Os brasileiros enfrentaram frágil resistência dos paraguaios que recuaram de forma organizada. Entretanto,

---

<sup>14</sup> TAUNAY, Alfredo d' Escragnolle. A Retirada da Laguna – episódio da Guerra do Paraguai. Rio de Janeiro: Biblioteca do exército, 1959, 13ª ed. p. 42.

<sup>15</sup> Id.ib. p. 43.

<sup>16</sup> TAUNAY, Alfredo d' Escragnolle. A Retirada da Laguna – episódio da guerra do Paraguai. Rio de Janeiro: Biblioteca do exército, 1959, 13º ed. p. 51.



por dois motivos, é a descrição que o autor faz do saque à fazenda que mais merece ser observado. Primeiro por ser uma prática publicamente repudiada pelo governo e que muitas vezes havia servido para exemplificar a proposta *selvageria* do inimigo. Segundo, por, ao mesmo tempo em que o descreve e procura justificar o saque, escancara as precariedades e limitações da expedição. Conforme Taunay:

Vislumbra-se um resto de crepúsculo, ainda quando o grosso da coluna chegou. Foi êste o momento do atropêlo e da balbúrdia: tantos objetos se avistaram sem dono, misturados e fadados à destruição. Cada qual tomou o seu quinhão, sendo exatamente os menos beneficiados aqueles que à presa tinham mais direito, pois o haviam conquistado sob o fogo inimigo e guardado, como propriedade pública, até o momento da depredação geral. Era este saque, aliás, legítimo, e não se teria podido sem manifesta injustiça, recusar tal prazer aos soldados, que o haviam comprado e adiantado por uma série de meses de privações e fome.<sup>17</sup>

Em abril os brasileiros finalmente pisaram o território paraguaio na localidade de Bela Vista e, como se fossem atraídos para uma perigosa armadilha, cometeram o fatal erro de avançar até a fazenda Laguna, de propriedade de Solano Lopez e distante somente 21 quilômetros da fronteira com o Brasil. As precariedades já mencionadas e os constantes ataques da cavalaria paraguaia completaram o cenário de horror e obrigaram a coluna a bater em desesperada retirada. No dramático retorno, muitos dos combatentes não sobreviveram a uma verdadeira carnificina. O primeiro contato oficial entre brasileiros e paraguaios também foi registrado por Taunay.

Fala-vos a expedição brasileira como a amigos. Não é seu intuito levar a devastação, a miséria e as lágrimas ao vosso território. A invasão do norte como a do sul de vossa República significa apenas uma reação contra injusta agressão nacional. Será conveniente que venha um de vossos oficiais entender-se conosco (...). Jura o comandante da expedição ple honra, pela santa religião professada por ambos os povos (...) Disparamos tiros de peça como inimigos, queremos agora nos entender como amigos reconciliáveis.<sup>18</sup>

Na resposta dos paraguaios, no dia seguinte, é nítida a impossibilidade de entendimento.

Estarão os oficiais das fôrças paraguaias sempre atentos a tôdas as comunicações que se lhes quiserem fazer; mas no atual estado de guerra aberta entre o Império e a República, só de espada desabainhada poderemos tratar convosco. Não nos atingem vossos disparos de peça e quando tivermos ordens de os obrigar a calar, há no Paraguai campo de sobra para as manobras dos exércitos republicanos. (...) Mal aventurado general que espontâneamente vem procurar o túmulo.<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> Id.ib. p. 57.

<sup>18</sup> TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. A Retirada da Laguna – episódio da guerra do Paraguai. Rio de Janeiro: Biblioteca do exército, 1959, 13º ed. p. 61.

<sup>19</sup> Id.ib. p. 62.

A partir desse momento, a falta de mantimentos e a fragilidade da expedição imperial no que se refere a armamentos e a força da cavalaria, devido à imprevisão de sua preparação, passam a ser descritas com mais frequência pelo escritor. O passar dos dias sem haver encontro com o inimigo aumentava ainda mais a preocupação. Justamente no momento de maior incerteza, quando já eram evidentes as dificuldades enfrentadas pela coluna, atirada a própria sorte, abriu-se a possibilidade de seguir a marcha até a fazenda Laguna. Nela, segundo os refugiados encontrados no caminho, havia grandes rebanhos e terreno favorável. Estabelecida a estratégia, iniciou-se a marcha no final do mês de abril. Conforme Taunay, ao constatarem o melhor preparo do inimigo todos foram tomados por grande insegurança. Começava a ser desfeito, aos poucos e de maneira muito sutil, o mito das narrativas nacionais-parióticas do Império de que a coragem acompanhava o soldado brasileiro em qualquer circunstância. Apesar de no primeiro encontro o número de baixas ter sido pequeno se comparado com as perdas paraguaias, os brasileiros já pensavam na retirada. Mesmo reconhecendo o patriotismo, Taunay não deixa de repreender o comando da expedição e deixa claro que o desastre era previsível desde o início da operação devido a sua escassa preparação.

Fácil sem dúvida achar pretextos para a falta de víveres, tendo as informações dos refugiados podido iludir-nos acêrca dos recursos da região, mas a insuficiência de munições, logo em começo de campanha, não podia deixar de constituir motivo de injustificável censura pelo fato de que tudo de antemão deveria estar calculado pelos nossos chefes, muito embora os exaltassem o entusiasmo, a paixão da glória e o amor da Pátria.<sup>20</sup>

Se na primeira parte de sua narrativa o autor privilegia aspectos que demonstram o heroísmo da coluna e a agressão de Solano Lopez, na segunda parte, são mais salientados os erros cometidos, os problemas de formação e o drama vivido pelos soldados. A partir do décimo capítulo o autor passa a descrever os horrores da retirada do território paraguaio, ordenada pelo coronel Camisão em 08 de maio de 1867.

Apesar do esforço de Taunay, notado desde o início da obra, em fazer do acontecimento narrado um momento de puro heroísmo, ou então, de transformar a derrota em vitória, como testemunha diária da coluna, ele se viu obrigado a relatar de forma fiel momentos que, mesmo justificados, não puderam, em momento algum, serem relatados como gloriosos. Sem esse registro do real, a própria narrativa perderia *pathos*. Podemos dizer ainda, que a dramaticidade, por exemplo, é uma característica inerente a esse tipo de relato uma vez que é uma indiscutível realidade dos campos de batalha. Como diz Francisco

---

<sup>20</sup> TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. A Retirada da Laguna – episódio da guerra do Paraguai. Rio de Janeiro: Biblioteca do exército, 1959, 13<sup>o</sup> ed. p. 71.

Doratioto, ao considerar a obra: (...) *esse tipo de discurso não foi uma reconstrução intencionalmente deturpada do passado mas tratou-se, sim, de esforço em relatá-lo, embora se saiba que a memória é traiçoeira e, mais, que a narração também é interpretação.*<sup>21</sup>

O início da retirada do território paraguaio ocorreu de 08 de maio a 11 de junho de 1867. Seguiram-se trinta e cinco dias dramáticos, durante os quais soldados sofreram com epidemias, com a dor de abandonar os contagiados por essas, com a falta de alimento e munições, com a implacável perseguição da cavalaria paraguaia. Especialmente para os oficiais, o sofrimento refletia o duro sentimento de não poder alcançar os objetivos traçados e assim regressar ao Brasil como heróis da nação.

Ocupávamos a fronteira do Paraguai, embora batidos pelo pungente pesar de a deixar. Tão recentemente a havíamos atravessado, certos de realizar importante diversão, talvez até indispensável à causa pátria! Nós nos sentíamos como corridos de vergonha, vendo nossas esperanças de glória tão cedo desvanecidas. Escapara-nos a presa e não queríamos ainda aceitar a absoluta necessidade de a abandonar.<sup>22</sup>

A esperança de receber reforços e munições que permitiriam, talvez, modificar os planos e seguir a marcha durou pouco tempo. Após narrar breve combate em que os brasileiros obtiveram pequena vantagem sobre os paraguaios, Taunay refere-se a um soldado inimigo ferido e que foi interrogado pelo coronel Camisão. Embora esse tenha dado informações a respeito de novo corpo de cavalaria que se aproximava, foram as notícias que deu a respeito das operações no Sul que mereceram maior atenção. Nesse momento, a angústia pelo final da guerra já tomava conta de todos.

Havendo o filho do guia indagado se Curupaiti fôra tomada, respondeu pelo monossílabo: “Não!” – E Humaitá? – “Nunca!” Então a guerra não está para acabar? Após uma pausa, em se lhe repetiu a pergunta, replicou o moço, como saindo de um sonho, e no tom de ênfase próprio da língua de sua gente: “A terrível guerra está dormindo!” Delirava. Levaram-no, então, para uma das carretas da ambulância.<sup>23</sup>

As informações passadas pelo soldado eram verdadeiras. As fortalezas de Curupaiti e Humaitá só foram ultrapassadas definitivamente em agosto de 1867 e fevereiro de 1868, quando o prolongamento da guerra já era motivo para grande decepção. Ainda que os combates de 06 e 11 de maio, relatados no décimo segundo capítulo, tenham sido bem enfrentados, o comando da expedição tinha consciência dos riscos que todos corriam. Além do gado perdido e da falta de mantimentos, havia dúvida em relação ao caminho a ser seguido

---

<sup>21</sup> DORATIOTO, Francisco. História e Ideologia: a produção brasileira sobre a Guerra do Paraguai. *Nuevo Mundo - Mundos Nuevos*, Coloquios, 2009. p. 5.

<sup>22</sup> TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. A Retirada da Laguna – episódio da guerra do Paraguai. Rio de Janeiro: Biblioteca do exército, 1959, 13º ed. p. 78.

<sup>23</sup> Id.ib. p. 86.

pela marcha, que recomeçou no dia 12 de maio. Apesar do terreno, caracterizado pelo alto capim que dificultava a marcha, do clima que variava entre altas temperaturas e chuvas torrenciais e dos incêndios provocados pelos paraguaios que praticamente imobilizavam a coluna, era, a insuficiência de alimento que mais aterrorizava. A terrível cena descrita por Taunay deixa muito clara essa situação.

Nauseante espetáculo revelou-nos, nesse lugar, quanto entre os nosso soldados a fome era tremenda. Ia matar-se um boi estafado, quase agonizante. Formara-se um círculo em tórno do animal; cada qual mais ansioso esperando o jacto do sangue; uns para o receberem num vaso e o levarem, outros para o beberem ali mesmo. Chegado o momento, atiraram-se todos a ele, os mais afastados e os mais próximos. E assim era diariamente. [...] Os resíduos, as vísceras, até o couro, tudo se despedaçava ali mesmo e era logo devorado mal assado ou cozido; repulsivo pasto de que não podia deixar de originar-se alguma epidemia.<sup>24</sup>

Não demorou para que a cólera assolasse a expedição. Em virtude também de novos ataques promovidos pelos inimigos, o drama fica muito vivo no relato de Taunay. Já iniciada a retirada do território paraguaio o coronel Camisão, temendo final ainda mais trágico, deu ordem para que todos os contaminados fossem deixados pelo caminho.

Como desvairado, ordenou, então, o Coronel que, à luz de fachos imediatamente na mata vizinha se abrisse uma clareira, para onde seriam os coléricos transportados e abandonados. Ordem terrível de dar, terrível de executar; mas que, no entanto (forçoso é confessá-lo), não provocou um único reparo, um único dissentimento. Puseram os soldados, logo, mãos à obra como se obedecessem a uma ordem comezinha; e - tão facilmente cede o senso moral ante a pressão da necessidade - colocaram no bosque, com a espontaneidade do egoísmo todos estes inocentes condenados, os desventurados coléricos, muitos deles companheiros de longo tempo, alguns até amigos provados por comuns padecimentos. [...] Deixávamos entregues ao inimigo mais de cento e trinta coléricos, sob a proteção de um simples apelo à sua generosidade, por intermédio destas palavras escritas, em letras grandes, sobre um cartaz pregado num tronco de árvore: “Compaixão para com os coléricos!”<sup>25</sup>

É essa passagem, tanto por resumir o quadro de terror que assombrou os membros da expedição, quanto pela descrição que não condiz com o discurso adotado pelo governo imperial que a todo o momento reforçava o patriotismo e a honra dos soldados, seguramente uma das mais marcantes da obra. Conforme confessou Taunay em suas memórias, esse episódio mereceu inclusive comentários do próprio imperador.

O imperador recebeu-me com muito carinho, mandou-nos sentar e ficou entre mim e meu pai, ouvindo atentamente o que lhe pude contar do modo mais conciso possível. “Bem, disse por fim, lerei com todo o cuidado as partes oficiais. Mas como foram abandonar feridos e doentes? Enfim... Tudo verêi. O Sr. Pertence agora à sua

---

<sup>24</sup> TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. A Retirada da Laguna – episódio da guerra do Paraguai. Rio de Janeiro: Biblioteca do exército, 1959, 13ª ed. p. 113 – 114.

<sup>25</sup> Id.ib. p. 103.

família. Vá ter com ela!” E despedimo-nos.<sup>26</sup>

No início do capítulo XVIII a conformidade de Taunay com as intermináveis dificuldades reflete bem o espírito da tropa. Sugerindo que até mesmo a natureza conspirava naquele momento contra a coluna, o escritor lamenta as cheias fora de época. Como em outras passagens, Taunay aproveita a situação para destacar a coragem daqueles que ainda resistiam. Apesar de todos os perigos de atravessar o transbordado rio Miranda, os brasileiros, também por perceberem a proximidade do inimigo, não tinham alternativa melhor. Por não haver material e nem homens suficientes para se projetar qualquer passagem mais segura, essa ocorreu praticamente sem ordenação. Aqueles que conseguiram vencer a forte correnteza puderam ter na outra margem, na fazenda do guia Lopes, alguns momentos de alívio. O número de doentes era cada vez maior e, segundo Taunay, havia o temor que fosse necessário abandonar outro grupo de doentes no momento em que o nível do rio baixasse e permitisse a ultrapassagem. Para completar o quadro deplorável, faltava comida, água potável e também o comando necessário à expedição. Disse Taunay:

Quase não existia mais entre nós a autoridade. Fôra, desde o começo, frouxa às mãos do coronel Camisão, sempre que se tornara precisa a iniciativa de uma decisão ou proceder a uma escolha entre diversos alvites e alternativas. Tornara-se, é certo, mais firme quando os reveses nos acabrunhavam uns sobre outros; [...]. Desde, porém, que a cólera o atacara ia tudo ao deus-dará; sentíamos todos quanto nos era indispensável novo chefe.<sup>27</sup>

Logo após a morte do coronel Camisão, enterrado à margem esquerda do rio Miranda ao lado de seu substituto imediato, tenente Juvêncio Cabral, também vitimado pela cólera, reuniu-se o conselho dos comandantes com o objetivo de determinar novo comando para a expedição. O major José Tomás Gonçalves foi anunciado como novo chefe contando já com melhores condições para seguir a marcha.

Apesar das dificuldades, o nível do rio havia baixado e já era possível garantir uma passagem mais segura até a outra margem. O novo comando e a possibilidade de se seguir a marcha recuperaram a confiança e reestabeleceram a disciplina. Após cruzarem o rio, o desafio imposto aos soldados era a marcha até Nioac. No final do capítulo XX, de modo muito curioso, o autor registra o ânimo instalado na coluna a partir do momento em que ela passa a ser liderada por José Gonçalves, mas confessa, ao mesmo tempo, a tristeza pelas perdas e pelos sofrimentos enfrentados até aquele momento.

---

<sup>26</sup> TAUNAY, Alfredo D'Escagnolle. Memórias. São Paulo: Edições melhoramentos, 1994. p. 287.

<sup>27</sup> TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. A Retirada da Laguna – episódio da guerra do Paraguai. Rio de Janeiro: Biblioteca do exército, 1959, 13º ed. p. 120.

Nova fase de existência, realmente, como despontara; despertara a vida e o nosso horrível passado da véspera, a fome, a morte, sob todos os aspectos já não nos apareciam mais senão como as alucinações dum pesadelo. Não é que os pensamentos tristes não nos assaltassem mais, após as realidades que presenciáramos. Contássemos quantos agora éramos! Quantos faltavam! Soavam os clarins e folgávamos em ouvi-los; mas que era feito das músicas de nossos batalhões? Companheiras das primeiras provações da expedição nos pantanais de Miranda, ainda luzidas, ao invadirmos o solo paraguaio, não demorara que as dizimasse o fogo inimigo. Logo depois, à medida que as nossas fileiras rareavam, fôra necessário dentre elas recrutar soldados.<sup>28</sup>

Ao chegarem a Nioac, os brasileiros a encontraram completamente arruinada pelos paraguaios. Registrou Taunay no último parágrafo de sua obra:

A 12 de junho baixou uma ordem do dia do nosso valente chefe José Tomás Gonçalves, em poucas palavras resumindo os acontecimentos desta terrível campanha de cinco dias: "A retirada, soldados, que acabais de efetuar, fez-se em boa ordem, ainda que no meio das circunstâncias as mais difíceis. Sem cavalaria contra o inimigo audaz que a possuía formidável, em campos onde o incêndio da macega, continuamente aceso, ameaçava devorar-vos e vos disputava o ar respirável, extenuados pela fome, dizimados pela cólera que vos roubou em dois dias o vosso comandante, o seu substituto e ambos os vossos guias, todos estes males, todos estes desastres vós os suportastes numa inversão de estações sem exemplo, debaixo de chuvas torrenciais, no meio de tormentas de imensas inundações, em tal desorganização da natureza que parecia contra vós conspirar. Soldados! Honra à vossa constância, que conservou ao Império os nossos canhões e as nossas bandeiras!"<sup>29</sup>

Podemos avaliar a obra de Taunay considerando diferentes aspectos. Um deles, certamente, é o seu caráter oficial. Mais do que ser resultado de sua experiência na expedição como engenheiro militar, o registro feito por Taunay é fruto de uma encomenda feita pelo próprio governo ao escritor. Assim, Taunay teria naturalmente assumido o compromisso de reforçar os ideais da monarquia e eternizar todos os feitos de coragem, patriotismo e honra dos que participaram da marcha. Na discussão e divisão que normalmente é feita em relação a historiografia referente a Guerra do Paraguai, destacam-se em um primeiro momento aquelas obras que foram produzidas no decorrer do conflito ou logo após o seu desfecho. De acordo com o historiador Mário Maestri:

trataram-se sobretudo de narrativas sobre o heroísmo e a abnegação das forças armadas nacionais em defesa do Brasil e da 'civilização', agredidos por "bárbarie" corpoficada no ditador paraguaio, responsabilizado exclusivamente pelo confronto.<sup>30</sup>

*A Retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai*, faz, portanto, cronologicamente, parte da chamada historiografia oficial, ou, como sugere Maestri, no texto

---

<sup>28</sup> TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. *A Retirada da Laguna – episódio da guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do exército, 1959, 13<sup>o</sup> ed. 131.

<sup>29</sup> Id.ib. p. 137.

<sup>30</sup> MAESTRI, Mario. *A Guerra contra o Paraguai: História e Historiografia: da instauração à restauração historiográfica [1871 – 2002]*, 16/12/2008. p. 3.

citado, *historiografia de trincheira* mas que se destaca de maneira singular. Quanto ao gênero literário, a narrativa de Taunay se enquadra na produção memorialística, nesse caso produzida praticamente ao calor dos acontecimentos e a partir de notas tomadas com objetivos oficiais. Sendo assim, devemos esclarecer que Taunay não foi especificamente um historiador. Como diz Francisco de Vasconcellos:

[...] poder-se-ia afirmar que ele foi essencialmente cronista, mas cronista veraz e minudente, elaborador de um repertório de informações e de documentos, de que a posteridade não pudesse prescindir, para lavrar com segurança a fidedignidade a certos campos da história brasileira.<sup>31</sup>

Com o objetivo de demonstrar aos europeus as virtudes do Brasil e a bravura de seu povo, a língua utilizada originalmente pelo o autor foi a francesa. Somente em 1874 a obra foi traduzida para o português. Mais importante do que isso é o fato que a versão final foi publicada em 1871 e que teve o escritor, conseqüentemente, a oportunidade e o cuidado de rever as anotações feitas e destacar o que lhe parecia ser mais importante e conveniente. Vale assinalar ainda que o autor não se coloca em nenhum momento no centro do relato. Até mesmo sua participação como engenheiro militar é poucas vezes mencionada.

Embora descreva o heroísmo dos soldados e até cite de forma isolada alguns deles, e ainda valorize os oficiais destacando várias de suas virtudes, Taunay não tem a ambição de eternizá-los e por isso não elege propriamente “heróis” da expedição. Mesmo a presença do guia Lopes e a participação do coronel Camisão, por exemplo, que podem ser vistos de acordo com a leitura como protagonistas da obra, não são apresentados, em nenhum momento, como heróis. Assim, muito mais do que eternizar eventuais ações daqueles que compuseram a tropa, Taunay se preocupou em descrever os caminhos percorridos, as diferentes paisagens e principalmente os desafios enfrentados.

Outra característica marcante do relato, e que muitas vezes aparece de forma exagerada, é o forte sentimento nacionalista. A Guerra do Paraguai, nesse sentido, foi uma interessante oportunidade tanto para o governo de forma oficial, como para diversos escritores, exibirem os sentimentos nacionalistas que começavam a se consolidar naquele momento. Especialmente para Taunay, nascido na França, talvez essa fosse uma oportunidade única.

Observando essas diferentes características e as questões destacadas, podemos propor um novo posicionamento para a obra de Taunay. Mesmo que ela tenha sido utilizada na época para demonstrar as virtudes do Império e a honra do povo brasileiro, podemos reinterpretá-la

---

<sup>31</sup> VASCONCELLOS, Francisco de. O centenário da morte do Visconde de Taunay. I.H.P. 19/01/1999.

como sendo uma média entre a historiografia oficial que antes de tudo narra o heroísmo e a missão de eliminar o perigo representado pelo Paraguai, e a chamada nova historiografia, surgida, no Brasil, somente durante a década de 1990, em grande atraso em relação ao Prata, e que propôs apresentar os dois lados do conflito expondo também as culpas, os equívocos do governo e o sofrimento do povo brasileiro.

Devido principalmente a próxima relação que Taunay mantinha com governo imperial, não podemos negar que surpreendem as diversas passagens da obra em que ao invés do patriotismo deslumbrado, são as precariedades da tropa e os erros cometidos que mais aparecem. Assim, ao mesmo tempo em que se esforça para transformar a decepcionante tragédia em um momento de conquista e orgulho, ao descrever o drama enfrentado pela expedição brasileira, Taunay, mesmo que indiretamente, sugere que a única glória possível de ser alcançada diante das terríveis condições era a de permanecer vivo. Em nome dessa glória, muitos dos valores tão admirados e defendidos no discurso oficial acabaram ficando em segundo plano.

#### **Referências bibliográficas:**

ARISTÓTELES. Arte Poética. Tradução: NASSETI, Pietro. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.

BURKE, Peter. A Escola dos Annales 1929 – 1989/ a revolução francesa da historiografia. São Paulo: Ed. UNESP, 1997. 4º ed.

DORATIOTO, Francisco. História e Ideologia: a produção brasileira sobre a Guerra do Paraguai. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Coloquios, 2009. [En línea], Puesto en línea el 13 janvier 2009. URL:<http://nuevomundo.revues.org/index49012.html>. Consultado el 07 novembre 2009.

FERREIRA, Antonio Celso. A Fonte Fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.); DE LUCA, Tania Regina (org.). O historiador e suas fontes. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

MAESTRI, Mario. A Guerra contra o Paraguai: História e Historiografia: da instauração à restauração historiográfica [1871 – 2002], 16/12/2008.

MAESTRI, Mário. História e Romance histórico: fronteiras. *Revista Novos Rumos*, v. 36, n.1, p. 38-44, 2002.

MENDES, Olga Maria Castrillon. Taunay viajante: uma contribuição para a historiografia literária brasileira. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros / versão impressa* ISSN 0020-3874. *Rev. Inst. Estud. Bras.* n.46, São Paulo, 2008.



PESAVENTO, Sandra Jatahy. « História & literatura: uma *velha-nova* história », *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Debates, 2006, [En línea], Puesto en línea el 28 enero 2006. URL : <http://nuevomundo.revues.org/1560>. Consultado el 26 abril 2012.

QUELHAS, Iza. A infância do Visconde de Taunay no tempo do Império: acaso os heróis são feitos para serem tímidos? *Revista Solettras / Revista do Departamento de Letras da UERJ*. São Gonçalo/RJ. v. 1., p. 13 – 26, 2001.

SALLES, Ricardo. Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

SQUINELO, Ana Paula. A Guerra do Paraguai, essa desconhecida... ensino, memória e história de um conflito secular. Campo Grande: UCDB, 2002.

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. A Retirada da Laguna – episódio da guerra do Paraguai. Rio de Janeiro: Biblioteca do exército, 13ª ed., 1959.

TAUNAY, Alfredo D'escagnolle. Memórias. São Paulo: Edições melhoramentos, 1994.

VASCONCELLOS, Francisco de. O centenário da morte do Visconde de Taunay. I.H.P . 19/01/1999.

VIANNA, Hélio. História diplomática do Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1960.